

ocupada por um assistente ou instrutor, com a gratificação correspondente àquela que, atualmente, se chama "disciplina de cadeira".

Um professor de ensino superior (ou assistente) ocupa como titular de uma disciplina, uma sub-disciplina, com a gratificação que atualmente se chama "*disciplina de curso*": e uma assistente (ou instrutor) ocupa a outra sub-disciplina, e recebe a gratificação que atualmente se chama "disciplina de cadeira". (No caso das técnicas auxiliares, ou disciplinas subordinadas acima aventadas, elas corresponderiam sempre ao que atualmente se chama "disciplina de cadeira").

Parece-me, data venia, que isto é algo mais lógico do que o agora vigente.

CÍRCULO CÓSMICO

ALBERTO CUNHA MELO

1. *Publicação do Corpo*

Para distanciar-me das altas
nuvens, onde sempre habitei,
devo levar algumas nuvens,
para que saibam minha pátria.

Após soltar de espaço a espaço
as cascas vivas da memória,
devo levar para a cidade
o corpo, esta palavra forte.

Só meu corpo vai realmente
pisar nos jardins e nos pátios
e com mãos novas sacudir
as grandes árvores por perto.

Vou conduzi-lo com o cuidado
de livro muito alvo na tarde:
É minha única esperança
de estar bem vivo entre vocês.

Só meu corpo sabe virar
tôdas as páginas do tempo
e só êle foi publicado
completo, para ser seguido.

2. *O Síndico*

Ao amar o edifício, amamos
caixa de fósforo ao luar
do Trópico, onde são cremados
os amorosos, um a um.

Perdidos nos altos problemas,
aterrissamos aterrados
de altos andares, no ascensor
que tarde nos economiza.

Ameaçados, não salvamos
os escapulários, que a infância
corre nas salas à procura
de escadas e botões de alarma.

Pelo edifício refratário
à solidão e, pura caixa,
de onde riscados sairemos
cada um com seu próprio incêndio.

3. *Notas de um expatriado*

Permanentemente de malas
empunhadas e com um adeus
implícito, como se fôsse
um alísio, um vento para sempre.

Os planos podem desabar
tal um eucalipto de noite
sôbre as casas, e é preciso
voar aos primeiros estalos.

Nenhum estrato, nenhum nimbo
se vangloria pelos ares
cidadinos, sentimentais,
de o ter coberto longas épocas.

E segue como os sós, armado
de mêdo ou de revólver azul,
mas não atira para o céu.
de só nuvens para destruir.

Apenas uma sombra extensa
de volumoso cobertor
cobre o areal, para que êle
seja benvindo no deserto.

4. *Asteriscos*

Como um suicida que deixa
uma carta em cima da mesa
para descansar a polícia,
deixo o meu poema no mundo.

Minha dôr lógica jamais
necessitou de testemunho
outro, que não fôsse o meu corpo,
sob os ataúdes do Céu.

Pisei nas calçadas da vida
(de cabeça baixa) e gritaram;
desci sem nenhuma palavra
e êles morreram de vergonha.

O telefone negro toca
na sala interminavelmente
deserta. Que nova esperança
dirá um telefone negro?

Os meus amigos têm os olhos
horríveis, diante de mim.
Já não pergunto o que lhes fiz:
deixo o meu poema na mesa.

5. *Palestra sangue*

A moça que está ao meu lado
está ensanguentada. A gola,
os bordados da blusa, cobre-os
uma pasta de sangue vivo.

Folheia impacientemente
um figurino, a machucar
o alto das páginas, se move
constantemente do lugar.

Só em raros momentos ergue
a cabeça para a paisagem
mediocre, por sinal, três
ou quatro mórbidas colinas.

E desce novamente o olhar
aos manequins de luto, às linhas
sóbrias e tristes, mas sem sangue
respingado por toda parte.

Pergunto-lhe pela extensão
do seu provável ferimento,
como é tão óbvio perguntar-se.
Ela ri: — Do meu ferimento?

6. *O irmão poeta*

O Irmão Poeta tem a vaga
impressão que tenho do mar
e mora na primeira concha
se fôr aberta com amor.

Por outro lado não aceita
dividir o espaço comigo
e logo procura abater-me
ainda no ar, em pleno vôo.

Vive a catar (real detento)
uma brecha no meu poema
para escapar-se, na alegria
que inculpa todo fugitivo.

Se há poucas horas me reteve
com a mão recheada de espanto,
começa a mexer-se na cama
e pode arrancar os cabelos.

O Irmão Poeta gosta mesmo
é de devorar seu irmão,
é de ler o verso que escreve
e o dos estranhos e o dos mortos

7. *O levantar das venezianas*

Há muito tempo não sentia
uma brisa tão confortante
como esta, que parece feita
por mim mesmo, para o meu corpo.

Vem-me novamente a impressão
de que o sol foi vencido e tudo
recuperou o desfôgo
dos objetos libertados.

Chega-me também o alvoroço
humano, das folhas em festa,
e a alegria colegial
dos livros novos, das piscinas.

Tudo muito fácil e tão fresco
como um suave lençol de água
que cobrisse minha cidade
tão desumana, mas tão quente.

Por isso mesmo desconfio
de um Anjo a cavar suas fontes
aqui por perto — certamente
deves andar nas redondezas.

8. *Convite no verão*

O que me chama está feliz
com o estado de sombra das almas
e não é conduzido nunca
dentro de latas, como nós.

Possui anjos para abaná-lo
por todo lado, tem as águas
puras e altas, e só precisa
baixar os cântaros às nuvens.

Está tão próximo e tão dentro
dos ventos, que pode escolher
a brisa imaculada, aquela
que não saiu a passear.

Atravessa tôdas as tardes
os amplos terraços, convida
para o clima suave as aves
que sempre voltam por ali.

Possui as árvores, os livros,
unicamente para o sono
nas horas necessárias: tôdas.
Tem tudo nas mãos, e me chama.

9. *Breviário da pantomima*

Nesta época de economia
e de aflição, melhor fingir
de morto para os transeuntes,
porque no morto tudo sobra.

Deixá-los bater de repente
no meu corpo, como abalroam
casualmente na palmeira
em ruínas, e na verdade.

Autorizá-los a jogar
o dominó noturno, mesmo
sôbre a memória do que foi
tão vivo no tablado negro.

E se porventura algum deles
desconfiar de minha morte,
tão sômente a êle poderei
pedir que não me considere.

Que só o morto-falso pode
fazer o sobrenatural:
a porta leve, a dobradiça
suave para os inocentes.

10. *Salvar de longe*

A solidão solta na noite
os seus pássaros mais audazes,
que infelizmente não trarão
nenhum sinal de vida além.

Vamos esperar uma volta
que não apontará ao longe,
vamos esperar que a manhã
diga que todos estão mortos.

E não corramos ao jardim
pará a salvação de ninguém:
fiquemos nesta sala própria
para morrer-se tão sômente.

Assim abandonar o tempo
dispendido em nos transportar
a nós mesmos, pelos corredores
de gases cobrindo a garganta.

Vamos discar no telefone
um número qualquer do mundo
e desejar felicidade:
mas bem de longe, bem de longe.

11. *Bilhete a Ascenso Ferreira*

Não foi o rio
que renasceu,
foi o teu gado
que enlouqueceu.

Derrubou cêrcas
pelos baldios,
que guarneciam
poços vazios.

Com tanto casco
e tanto dente
que água espirrou
do chão doente.

Como atraídos
por teu mistério,
bois invadiram
o cemitério.

12. *Nênia a Raphael Peixoto com a lira
de João Cabral*

Aprendi com um poeta sêco
e puro a cantar tua morte,
entre o canavial e o mar.

Jogo minha lança no escuro
e ela cairá certamente
na tua cova, como um alvo.

Eras além disso copista
único da "USINA BULHÕES",
também seu único poeta.

Seguias paralelo ao rio
e a pé, como êle, mas a pedra
não te feria o expediente.

Isso também eu aprendi
com o poeta de que te falei
e está conosco no poema.

13. *Para Manuel Bandeira*

O que morre jovem
faz o bosque chorar.
Nada faz.

O pássaro velho
poderá morrer,
porque já ensinou
o povo a cantar.

14. *Ociosidade da criação*

Não me cabe planificar
as novas cidades, por certo,
cabe-me apenas contemplar
e já é um grande trabalho.

Principalmente para mim,
que para isso fui apontado
lá do alto da infância, uma flauta,
uma flauta, como testamento.

Inúteis todos os translados
de cartas que não voltam nunca,
porque em si nada conduzem,
além do tempo vão perdidas.

Vocês me obrigam a fazê-las
quando o sol morre sem cantiga,
e digo sem que ninguém me ouça:
— minhas rosas, estou morrendo.

Bato na máquina emperrada,
(com rasura) o óbito da tarde;
a minha obrigação na Terra
é só ler e olhar a cidade.

15. *O televisor*

Pelos competentes canais,
garanhas a alma, a ofertar
o preço falso e a propaganda
de petróleo e felicidade.

Dentifrícios resolverão
todos os problemas do Mundo:
os dentes alvos e o sorriso
ensaiado até o soluço.

Atrás dos bonequinhos: Deus
e a fala desproporcional.
O Senhor de Marionetes
move o perdão atrás das câmaras.

16. *Geral de pouso*

Não caço o poema que fiz,
vivo do poema que faço,
que desce perpendicular
tal um helicóptero, na estrada.

Qualquer jardim, qualquer telhado
será um campo de repouso
ou de pouso para a palavra:
rosa valente sôbre a Terra.

A grande hélice lhe concede
o ar de pássaro, o vento próprio
que deve afugentar o leve
alheio, que não presta mais.

Triste helicóptero aterrissa
sôbre a ojeriza geométrica
de mãos contadas, que o recebe
com réguas moles e com trenas.

Dele salta um homem cansado
de voar e de ser tão vão
pelo ar, o Poeta que agora
aponta a alma novamente.

17. *Hora de voar*

O poema depois de pronto
ainda luta com o poeta
e vai crescendo na gaveta,
onde não cabe uma esperança.

Cresce em seguida no meu bôlso,
muito menor para contê-lo.
O poema depois de pronto
quer-se mostrar, como as crianças.

Fica assustado no casaco
e parece que tem meus olhos.
(Eu lhe acendí o último fósforo
às duas horas da manhã).

Dentro de mim se move alguém
sempre a julgar-se muito alto,
mas fica na ponta dos pés
quando procura ser notado.

Salva-me na Terra êste grande
pudor de mostrar o poema,
como se fôsse uma das partes
mais vergonhosas do meu corpo.

18. *O preço das conchas*

Só há tempo para rasgar
nossas roupas, sôbre um rochedo:
as de baixo, as roupas do céu
descoladas pelo verão.

Estamos em cima da hora
mais alta, pedra debruçada
nas alturas, que não suporta
além de nós uma lembrança.

O amor à fuga tem o pêso
das âncoras, levanta as mãos
para o rosto, sem tatear
nas ramagens de madrugada.

Caso desponte uma criança
de alguma parte, as grandes águas
são paisagem suficiente
para o menino, fique certa.

Êle passará lá por baixo
sem saber da nossa nudez.
Êle buscará as primeiras
e últimas conchas da manhã.

19. *Performance*

Quando iniciei o caminho
o mundo já estava escrito
e tudo era inocência: livros,
navegações, lápis e flauta.

As letras possuíam pêso
de bola, de soldado e infância,
que eu segurava e reunia
no assoalho, cubos e cubos.

Mas se grudaram nos vocábulos
sopesados, de muitos quilos,
depois no poema pirâmide
bloco a bloco, sôbre o meu corpo.

Que me enterra. Agora me afundo
carregado de ouro, no pântano;
mais tarde restará a mão
nos ares, separando um grito.

E meu sossêgo de menino
voará sábado, com os pombos,
quando a morte arrancar do corpo
amado os brilhantes cabelos.

20. *Círculo cósmico*

Livro-me tarde. Um deus facínora
rasga a cabeleira da treva
e emerge todo satisfeito
como uma rocha de entre as ondas.

Estou no patamar do mar
e suplico gesticulando
com duas bandeiras na mão:
uma rosada e outra vermelha.

Tudo realizado e pronto
e público e definitivo,
tal um diário oficial
grifado para a Eternidade.

Agora o deus mencionado
particularmente dirige
a mão de lâmina, o perdão
ridente como todo escárneo.

E levantado num rochedo
(no mais alto naturalmente)
dá grande salto pirotécnico,
antes de afastar-se dali.

ESTUDOS

POBREZA, PROLIFERAÇÃO E SUBDESENVOLVIMENTO

PESSOA DE MORAIS

Condições sócio-econômicas e proliferação. A questão do alto coeficiente de fertilidade das áreas de pobreza, inclusive dos países subdesenvolvidos, e do baixo índice de procriação das áreas economicamente mais favorecidas. Os fatores biológicos e a fertilidade: a insuficiência e precariedade do raciocínio biológico na explicação do problema. As considerações precipitadas e falsas sobre níveis de resistência orgânica, proveniente da inspeção superficial do fenômeno: uma tentativa de teorização científica. Outros decisivos fundamentos socio-culturais da explicação da fertilidade e esterilidade das áreas já aludidas. Discussão geral:

É de fato notório que em inúmeros países, a proliferação tem sido sem dúvida maior nas classes pobres do que nas classes ricas. Estudos objetivos concernentes a países adiantados como os Estados Unidos, a França, a Alemanha, a Inglaterra, a Noruega, etc., constataram esse fenômeno da maior proliferação das áreas pobres em contraste com as áreas mais ricas, que exibem em geral um menor coeficiente de fertilidade.

Por outro lado, os países pobres e subdesenvolvidos apresentam, também, como já foi visto, um grande crescimento populacional. Para a América Central, por exemplo, estima-se que o aumento de população em apenas 23 anos — de 1957 a 1980 — é calculado em 89%, e para a América do Sul em igual período, se prevê o acréscimo de cerca de 77%.

Êsses aumentos serão tão importantes, que alterarão, sem dúvida sensivelmente, o quadro populacional da América, esperando-se até que a população latino-americana, seja superior mesmo em 80 milhões em relação ao total da população dos Estados Unidos e do Canadá, em 1980 (1).